

OS DISCURSOS DE PROTESTO NAS MANIFESTAÇÕES DA COPA DAS CONFEDERAÇÕES NO BRASIL

Micheline Mattedi Tomazi*
Raquelli Natale**

Resumo: Neste artigo, propomos a análise de cartazes presentes nas manifestações sociais de brasileiros, durante a Copa das Confederações, em 2013, que retomam o discurso da canção *Pra não dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré, produzida na Ditadura Militar. Com base na teoria sociocognitiva, de van Dijk (2001; 2010; 2011; 2012), especialmente no conceito de contexto, buscamos compreender como ocorre a retomada de textos em contextos distintos e como são construídos os diferentes efeitos de sentido em cada cartaz por meio das experiências dos sujeitos manifestantes no momento da interação. Os resultados evidenciam que a construção das estruturas discursivas não é influenciada somente pela situação comunicativa de interação, mas pelos modelos de contexto que cada indivíduo constrói diante de determinado evento.

Palavras-chave: Teoria Sociocognitiva. Manifestações Sociais no Brasil. Cartazes de Protesto.

Abstract: This paper aims to analyze the posters present in the social manifestations that took place in Brazil during the 2013 FIFA Confederations Cup, that goes back to the song *Pra não dizer que não falei das flores* by Geraldo Vandré, taken in the Military Dictatorship. We used the sociocognitive theory from van Dijk (2001, 2010, 2012), especially in the context concept to understand how texts are resumption in different contexts and how are constructed the different effects of meaning in each poster through the experiences of the subjects at the new situation of social interaction. The results of this study demonstrate that the construction of discursive structures is not only influenced by the communicative situation of interaction, but the models of context that each individual constructs on the given event.

Keywords: Sociocognitive Theory. Social Manifestations in Brazil. Protest Signs.

Considerações iniciais

As manifestações sociais ocorridas no Brasil em junho de 2013, durante a Copa das Confederações, refletem a insatisfação da população contra os enormes gastos para sediar a Copa do Mundo em 2014 e a falta de investimentos do governo em questões como educação, saúde e segurança pública. Esse descontentamento foi alimentado por um sentimento de justiça que acompanha o povo brasileiro em diversos momentos da história e o faz lutar toda

* Professora Doutora do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil, mimattedi@hotmail.com

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil, raquellinatale@yahoo.com.br

vez que os seus direitos estão ameaçados pelo governo, como demonstram a Passeata dos 100 mil durante a Ditadura Militar, em 1968, o Movimento das Diretas Já, em 1984, e o *Impeachment* de Collor, em 1992 (CARVALHO, 1995).

Cada movimento deixou-nos um legado de coragem e de bravura que pode ser visto nos rostos pintados e nos discursos das manifestações em 2013. Contudo, um discurso, em especial, ganhou destaque nos cartazes carregados pela população nas passeatas: a palavra de luta contra a Ditadura Militar. Durante o movimento, foi possível observar que a palavra poética, manifestada por meio da música nos anos de chumbo, adquiriu um novo sentido, já que a situação comunicativa era outra e, ainda que observemos, nos dois períodos, diferentes estratégias de luta, é nas ruas que os movimentos ganham força de expressão e a população faz ouvir a sua voz.

Buscando compreender os discursos presentes em cada momento distinto de enunciação, apresentamos análises de dois cartazes presentes nas manifestações, que retomam fragmentos da canção *Pra não dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré, composta em 1968. Para a análise que pretendemos realizar, procuramos respaldo na teoria sociocognitiva, de van Dijk (2001; 2010; 2011; 2012), com ênfase em seu conceito de contexto. Nosso objetivo é analisar como ocorre a retomada de textos em contextos distintos e discutir como são construídos os efeitos de sentido em cada cartaz levado às ruas pelos manifestantes a partir das experiências de cada indivíduo.

Para apresentar o presente estudo, organizamos este artigo em três seções. Na primeira, traçamos considerações acerca da teoria sociocognitiva, de van Dijk, que embasa o trabalho analítico sugerido e, em seguida, apresentamos com mais detalhes as noções de contexto e de modelos mentais. Na segunda seção, discorreremos sobre as manifestações sociais no Brasil, dando ênfase às manifestações em 2013, em diálogo com o contexto histórico da Ditadura Militar, que envolveu o processo de produção das músicas e foi retomado durante os protestos. Após, na terceira seção, procedemos à análise do discurso dos cartazes e propomos uma análise interpretativa de sua relação com a canção composta durante a época da ditadura, intencionando compreender como ocorre a adaptação da palavra poética da ditadura à situação de comunicação atual. Por fim, apresentamos algumas considerações finais acerca dos resultados obtidos em nossa análise.

A teoria sociocognitiva e as manifestações sociais

As nossas experiências e relações com o mundo são mediadas na e pela linguagem. Nessa perspectiva, compreender a linguagem implica entender as nossas próprias relações com o mundo e com o outro, a maneira pela qual representamos essas experiências e como nos constituímos histórica e socialmente. Nesse sentido, a relação entre linguagem e sociedade é muito próxima e bastante complexa. Por isso, estudar essa relação nos ajuda a entender, por exemplo, as lutas sociais, os abusos de poder, as mudanças sociais, entre outras questões.

Tendo em vista a importância da linguagem, a teoria sociocognitiva surge com o objetivo de promover mais pesquisas entre as abordagens linguísticas e sociais. Essa proposta teórica é de natureza interdisciplinar, voltada para os processos de pesquisa e mediação entre as categorias linguísticas e sociais e o estudo de questões como o abuso de poder, a dominação, a desigualdade e o preconceito em textos orais ou escritos em nossa sociedade. Para van Dijk (2010), a relação entre estrutura social e estrutura discursiva não é direta, é mediada pela cognição pessoal e social, por isso a importância de se estabelecer relações fundamentais entre um triângulo de conceitos, a saber: o discurso, a cognição e a sociedade. A tríade, ilustrada por Falcone (2008), permite entender bem essa relação:

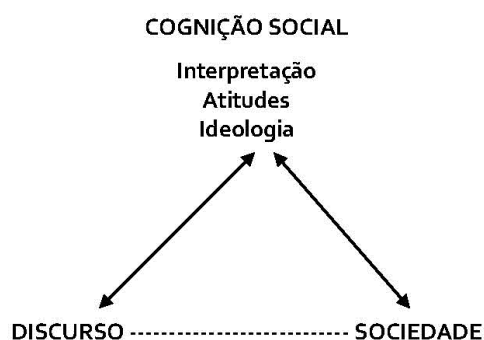


Figura 1: A tríade da Análise Cognitiva do Discurso (FALCONE, 2008, p. 25).

Analisando essa tríade, observamos que não existe uma ligação direta entre a estrutura social e a escrita; ao contrário, as estruturas sociais são observadas, experimentadas, interpretadas por membros sociais. Daí resultam as noções de discurso como prática social e de sujeitos como atores sociais, envolvidos e engajados nas complexas relações em nossa sociedade.

Os atores sociais irão construir o discurso a partir de suas experiências individuais e marcos coletivos de percepção, entendidos por van Dijk (2001) como representações sociais. Essa relação constitui a conexão entre a estrutura social e a estrutura cognitiva individual. Nessa perspectiva, para que possamos compreender um discurso, será imprescindível entender o contexto, uma vez que o discurso estará atrelado a “elementos socialmente constituídos, contextualmente situados, e cognitivamente elaborados” (FALCONE, 2008, p. 53).

Desse modo, faz-se necessário compreendermos detalhadamente a noção de contexto proposta por van Dijk (2012) e a sua relação com a estrutura cognitiva.

A noção sociocognitiva de contexto

A principal diferença entre a noção tradicional e a noção sociocognitiva sobre contexto é que a primeira entende que o discurso é diretamente determinado pelos aspectos da estrutura social, como classe social, gênero, idade, instituições, eventos sociais e etc. Já a proposta sociocognitiva defende que “não é a situação social que influencia o discurso (ou é influenciada por ele), mas a maneira como os participantes definem essa situação” (VAN DIJK, 2012, p. 11). Ou seja, o processo de produção de um discurso não é diretamente controlado pelos papéis dos participantes ou mesmo por um evento social, mas pela maneira como os participantes compreendem e interpretam subjetivamente esses elementos. Isso explica, por exemplo, o fato de várias pessoas participarem de um mesmo evento e produzirem versões distintas acerca do ocorrido.

Nesse sentido, essa linha de investigação propõe analisar o contexto a partir de um viés cognitivo e, para isso, mobiliza conceitos acampados na psicologia como a noção de *modelo mental* desenvolvida na década de 80 (JOHNSON-LAIRD, 1983) e denominada *modelo de situação* (VAN DIJK; KINTSCH, 1983). Segundo van Dijk (2012, p. 90), a tese principal de um modelo mental é que, “além da representação de um sentido de um texto, os usuários de uma língua também constroem modelos mentais dos eventos que são assunto desses textos, isto é, a situação que eles têm como denotação ou referência”. Assim, as representações das situações sociais ficam armazenadas em nossa memória de longo prazo, onde também se acumulam as nossas experiências pessoais.

Ainda segundo o pesquisador, a representação mental da situação comunicativa se faz com um modelo mental específico, que é chamado de *modelo de contexto* ou apenas *contexto*.

Os *modelos de contexto* são construtos subjetivos únicos dos participantes ou definições subjetivas das situações interacionais, nos quais aparecem as experiências vividas pelo corpo, percepções, emoções, referentes à situação comunicativa em curso (VAN DIJK, 2001). Logo, eles representam a interação verbal e organizam a forma como o nosso discurso é estruturado e adaptado estrategicamente à situação de comunicação. Devido à natureza única e pragmática dos modelos mentais, eles precisam ser relativamente simples. Portanto, eles possuem poucas categorias como: cenário (tempo, lugar), participantes, eu (papéis comunicativos, intenções, objetivos) e um evento ou ação. Essas categorias podem ser identificadas no discurso por expressões dêiticas (VAN DIJK, 2010).

Assim como os contextos são únicos, as formas de se utilizar a linguagem também o são. Por isso os discursos são irrepetíveis, porque são construídos a partir das propriedades das estruturas sociais que cada indivíduo considera como relevantes¹ em uma dada situação. Isso é importante dado que é a natureza subjetiva dos modelos de contexto que permite a variação pessoal dos discursos. Assim, os modelos de contexto atuam como uma interface mental entre o discurso e a situação social. Podemos dizer que a diferença entre situação social e contexto é que contexto não é uma situação social, mas um modelo mental subjetivo dessa situação.

Van Dijk (2001) acrescenta que a teoria sobre o contexto reconhece a importância dos eventos comunicativos, mas esclarece que definir contexto em termos cognitivos, ou seja, em modelos mentais, permite-nos observar as diferenças entre as interpretações subjetivas das situações sociais dos usuários da língua que estão em uma mesma situação, por exemplo, os diferentes discursos que emanam em um protesto. Isso implica entender que “é a informação (subjetiva) armazenada nesses modelos que, no fim, controla como falantes e escritores adaptam sua fala e escrita à situação corrente” (VAND DIJK, 2010, p.210).

Cabe ressaltar, ainda, a importância dos modelos de contexto na compreensão e produção dos discursos, uma vez que eles são base dos gêneros discursivos que são construídos a partir de eventos específicos, como conversas, histórias ou notícias. É também por essa razão que somos capazes de nos comunicar com outras pessoas, uma vez que os modelos de contexto não são construídos somente a partir de nossas experiências individuais,

¹ O conceito de relevância adotado por van Dijk (2012) se diferencia da abordagem de Sperber e Wilson (1995). Para van Dijk (2012, p. 117), a noção de relevância é definida pela mesma noção de contexto, a saber, “em termos do processo cognitivo de construir um modelo de contexto com base nos dados procedentes de uma interpretação da situação guiada por um esquema adquirido e compartilhado socioculturalmente dos tipos de categorias que definem esses contextos e pelas experiências comunicativas passadas (modelos de contextos antigos)”.

mas a partir do conhecimento compartilhado socialmente². Assim, compreender um texto ou falar implica interpretar um modelo mental, já que na interação verbal construímos, a todo instante, modelos de contextos que são dinâmicos e cruciais para a gestão do discurso, porque representam a forma como os usuários de uma língua interpretam o ambiente atual.

Por esse motivo, os modelos de contexto controlam as estruturas variáveis do discurso, como a seleção do tema, o léxico, a sintaxe, entre outros. Contudo, a principal adequação do discurso ao contexto é feita, antes, por outro tipo de modelo, chamado de modelo de evento, que compreende as experiências concretas do falante em relação à determinada situação e que implicarão diferentes escolhas lexicais, por exemplo. Em relação aos modelos de eventos, van Dijk diz:

[...] a escolha lexical é antes de mais nada definida pelos significados ou pelos modelos de eventos subjacentes dos usuários da língua: como uma estratégia geral, as pessoas optam pela palavras que expressam da maneira mais exata possível a informação específica que está presente nesses modelos de eventos. Dadas várias palavras que têm mais ou menos o mesmo significado (semântico), podem ser usadas as alternativas que, além disso, assinalam algum condicionamento contextual tal como está representado no modelo de contexto. (VAN DIJK, 2012, p. 238).

Dessa forma, se o conhecimento sobre um evento deve ser comunicado, como em um relatório, história ou notícia, o modelo desse evento é ativado e o modelo de contexto irá estrategicamente selecionar as informações que agora são importantes, relevantes e adequadas para a situação comunicativa e para o público atual.

De acordo com essa perspectiva cognitivista, entendemos que a teoria do contexto contribui para o entendimento de como as estruturas sociocognitivas de uma situação de comunicação se relacionam com as estruturas do discurso desse evento. Isso implica compreender vários aspectos do discurso, como a percepção individual e variável da situação de comunicação, escolhas lexicais, estruturas semânticas, entre outros aspectos, segundo cada indivíduo.

Antes de procedermos à análise dos textos, discorreremos brevemente sobre dois momentos que marcaram o nosso país e que se tornam importantes para a compreensão dos cartazes: o período da Ditadura Militar e as manifestações durante a Copa das Confederações em 2013.

² O vínculo entre a cognição social e individual na construção discursiva e dos modelos mentais é importante para rejeitar a visão crítica de que um enfoque cognitivo do discurso se concentra apenas no estudo de questões individuais.

As manifestações sociais no Brasil

As ruas não são instrumento novo de luta para os brasileiros quando desejam lutar por seus direitos ou se sentem ameaçados por decisões do governo. Na década de 60, por exemplo, o conturbado momento político, instaurado pelo Golpe Militar (1964-1985), também gerou insatisfação na população, que saiu às ruas para manifestar-se contra a opressão e para clamar pela democracia. Contudo, diante da repressão dos militares, os manifestantes da época foram obrigados a encontrar outros meios para lutar contra a violação dos direitos do povo. É nesse momento que as vozes de justiça encontram na música uma forma de reivindicação constituindo-se no “tom” perfeito para “dizerem” o que a censura tentava “calar”. Assim, a Música Popular Brasileira (MPB) começava a trilhar um caminho revolucionário no Brasil. As canções de protesto escritas por vários compositores durante os anos de chumbo representavam uma possível intervenção política do artista na realidade social do país e contribuía para a transformação dessa realidade e para a construção de uma sociedade mais justa (CONTIER, 1998). As letras das músicas compostas nesse período simbolizaram instrumentos de luta tão fortes, que foram capazes de ultrapassar várias gerações e décadas e chegarem até os dias atuais, nas manifestações realizadas durante a Copa das Confederações no Brasil, em 15 de junho de 2013.

A pauta inicial dos atos de junho era centrada na redução das tarifas do transporte coletivo, ocorrida inicialmente em Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, organizados, principalmente, pelo Movimento Passe Livre (MPL)³. Contudo, a violência policial contra os atos contribuiu para que mais pessoas se unissem aos manifestantes e passassem a questionar uma série de problemas vividos pelos brasileiros, como o superfaturamento das obras dos estádios para a Copa do Mundo, a falta de investimentos na educação e na saúde, a corrupção política e a possibilidade de aprovação da PEC 37⁴.

Essas manifestações, cujas datas em que ocorreram foram divulgadas em redes sociais, levaram milhares de pessoas às ruas, que marcharam em direção ao bem comum do país. Nessas marchas, foi possível ver rostos pintados, faixas com frases de luta, gritos de guerra e cartazes, nos quais se liam fragmentos de letras de músicas da ditadura militar.

Ainda que observemos diferentes estratégias de luta nos atos de junho, foi nas ruas que

³ O Movimento Passe Livre (MPL) foi fundado em Porto Alegre, durante o Fórum Social Mundial em 2005. É um movimento social brasileiro que defende a adoção da tarifa zero para o transporte coletivo.

⁴ Proposta de Emenda Constitucional 37/2011, elaborada pelo deputado Lourival Mendes, que pretende limitar o poder de investigação criminal a policiais federais e civis.

o movimento ganhou força de expressão, principalmente, quando os discursos da multidão foram grafados nos cartazes e quando os manifestantes ocuparam os espaços representativos de poder, como o Congresso Nacional, Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais.

De posse de todas as considerações feitas acima, procedemos à análise dos cartazes em diálogo com a canção *Pra não dizer que não falei das flores*.

Os discursos de reivindicação na Copa das Confederações

Neste estudo, propomos analisar dois cartazes presentes nas manifestações sociais no Brasil, que retomam em seus dizeres fragmentos da canção *Pra não dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré, de 1968. Como já mencionado, buscamos compreender como a canção produzida durante a Ditadura é retomada nas manifestações e discutir como são construídos os sentidos em cada cartaz, a partir dos modelos mentais dos envolvidos na interação.

O ano de composição da música *Pra não dizer que não falei das flores* foi marcado pela instituição do Ato Institucional AI-5, que concedia poderes extraordinários ao Presidente da República e suspendia várias garantias constitucionais da população. A canção, escrita por Geraldo Vandré, foi considerada pelo povo como um hino de luta, pois era uma convocação à militância contra a Ditadura. Contudo, após conquistar o segundo lugar no Festival Internacional da Canção, de 1968, a música foi censurada e proibida durante anos, sendo o seu autor, inclusive, exilado.

Vejam abaixo o refrão da canção⁵:

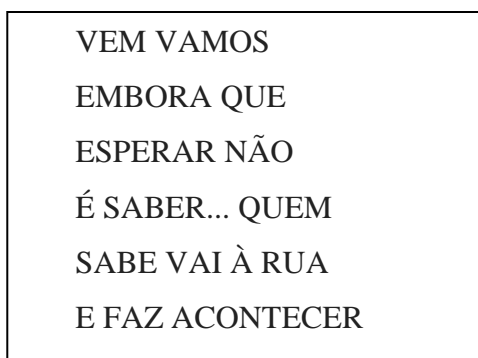
Vem, vamos embora Que esperar não é saber Quem sabe faz a hora Não espera acontecer.

Quadro 1: Refrão da música *Pra não dizer que não falei das flores*

Em diálogo com o refrão, acima, surgem os cartazes dos movimentos sociais no Brasil, que retomam a canção de Vandré (1968). Os dois cartazes que citam a canção e são objetos de nossa análise foram retratados por meio de fotografias feitas durante as

⁵ A letra completa da canção “Pra não dizer que não falei das flores” pode ser conferida em VANDRE, G. *Pra não dizer que não falei das flores*. Disponível em: <<http://letras.mus.br/geraldo-vandre/46168/>>. Acesso em 10 fev. 2013.

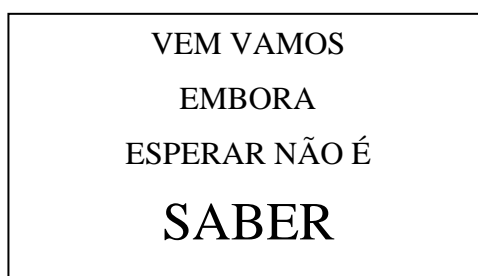
manifestações e coletadas nos sites IG e UOL, respectivamente⁶. O primeiro cartaz foi publicado pelo site IG em 18 de junho de 2013. Nele está escrito parte do refrão da canção de Vandr  em letras garrafais, alinhadas   esquerda, na cor preta e em uma cartolina de cor verde. A imagem, abaixo, procura representar essa descri o do cartaz:



VEM VAMOS
EMBORA QUE
ESPERAR N O
  SABER... QUEM
SABE VAI   RUA
E FAZ ACONTECER

Quadro 2: Cartaz A - tentativa de reprodu o do cartaz divulgado no site IG

A imagem do segundo cartaz foi publicada pelo site UOL no dia 11 de junho de 2013, em S o Paulo. Os versos da can o de Vandr  est o escritos em letras garrafais em uma folha de cartolina branca, que foi fotografada no ch o junto a outros cartazes das manifesta es. Nas tr s primeiras linhas, as palavras est o escritas na cor preta e, na  ltima, a palavra “saber” est  escrita na cor vermelha e em tamanho maior em rela o aos outros voc bulos. A imagem a seguir busca representar essa descri o do cartaz:



VEM VAMOS
EMBORA
ESPERAR N O  
SABER

Quadro 3: Cartaz B - tentativa de reprodu o do cartaz divulgado no site UOL

A leitura da can o e dos cartazes A e B nos faz refletir que a linguagem que evoca e convoca o sujeito a falar   a mesma nas duas situa es discursivas e o que as diferencia  

⁶ Justificamos que faremos a descri o dos cartazes que aparecem nessas fotografias por n o termos os direitos autorais para uso dessas imagens.

apenas o contexto, uma vez que os modelos de contextos dos sujeitos de 1968 são diferentes dos modelos de contextos dos sujeitos de 2013. Contudo, ambos utilizam estratégias linguísticas para moldar o seu discurso como uma forma de adaptação à situação de comunicação social, como a escolha do tema a ser “cantado”, o léxico utilizado e as estruturas sintáticas, a partir de seus modelos de contexto. Além disso, as estruturas discursivas são limitadas pelas categorias contextuais gerais como o cenário (tempo, lugar), os participantes, eu (papéis comunicativos, intenções, objetivos) e um evento ou ação, como assinalado por van Dijk (2012). Nesse caso, a construção do discurso será determinada pelos modelos contextuais dos manifestantes, pelo local onde estão ocorrendo as manifestações e, ainda, pelos propósitos de cada um.

A fim de analisar as escolhas lexicais e sintáticas feitas pelos atores sociais de cada cartaz, propomos um quadro, a seguir, estabelecendo um diálogo com a referida canção.

Estratégias linguísticas	Discurso tomado como referência	Discurso do cartaz A	Discurso do cartaz B
	Vem, vamos embora Que esperar não é saber Quem sabe faz a hora Não espera acontecer.	Vem vamos embora que esperar não é saber... quem sabe vai à rua e faz acontecer!	Vem vamos embora Esperar não é Saber
Léxico e estruturas discursivas	Uso do verbo “vir” no modo verbal imperativo afirmativo - enfatizando sua função volitiva. O uso da vírgula depois do verbo reforça o clamor. Estrutura proverbial. Forma poética própria dos provérbios e da música.	Emprego das reticências – ocorre a interrupção da frase, por hesitação ou retomada intertextual. Subversão da linguagem proverbial pela afirmação com eliminação da negação. Ausência da vírgula depois do verbo. Uso de exclamação enfatizando o apelo ao interlocutor.	Retoma o convite feito no refrão da canção original. Ausência da vírgula depois do verbo. Elipse do “que”, próprio da enunciação proverbial para sua concisão. Destaque do verbo “saber” na forma infinitiva.

Quadro 4: Estratégias linguísticas na retomada da canção "*Pra não dizer que não falei das flores*" nos cartazes

Pela análise do quadro proposto, observamos que os atores sociais dos atos de junho de 2013 também lançaram mão de estratégias linguísticas para realizar suas reivindicações. Contudo, a estratégia de luta foi adaptar a palavra poética de resistência da ditadura à situação de comunicação atual, como pode ser visto na mudança das estruturas sintáticas e outras escolhas linguísticas nos cartazes.

A música de Geraldo Vandré é considerada um hino contra o regime ditatorial e contra todo o sofrimento imposto ao povo naquele período. Na situação comunicativa da época, o trecho da música pode ser lido como um chamamento do povo para a luta contra a ditadura e também para que as pessoas se mobilizassem para a situação e não fizessem a opção pelo silêncio imposto pelos militares no governo. Como canção emblemática, sua letra ficou na mente da população e esse fragmento assumiu um estatuto de provérbio, de sabedoria popular.

Assim, a estrutura sintática do fragmento analisado da canção nos faz perceber a voz de um ator social que chama o outro para que se junte a ele. O verbo no imperativo afirmativo, seguido da vírgula, parece fortalecer, ou mesmo reforçar, na pausa do sinal de pontuação, sua força volitiva e a expressão da vontade do participante em pedir, solicitar, chamar pelo outro para que sua voz não "cante" sozinha, mas que possa se transformar em uma voz coletiva. Nesse sentido, o uso desse verbo no refrão da canção é interpretado por nós como volitivo, não só porque está ligado à vontade do ator social, mas também porque assume um sentido manipulativo, subjetivo e emotivo. Acreditamos que a ausência da vírgula após o verbo não exclui o efeito de chamamento, mas nos parece que há uma função sintático-semântica no uso desse verbo que nos permite inferir que ele, conjugado ao restante do verso, assume um traço de marcador locativo e também atitudinal, pois, além de expressar o posicionamento afetivo do falante em relação ao conteúdo dito, deixando pressupor que, ao enunciá-lo, o falante está próximo ao seu interlocutor, ele expressa o desejo de separação, de distanciamento do aqui e agora de sofrimento do momento da enunciação. Após o chamamento desse primeiro verso, há a utilização de uma explicação, introduzida pelo conectivo explicativo, que toma um sentido de ensinamento, já que permanece na memória coletiva e assume uma função proverbial.

Esse mesmo fragmento da música, ao ser retomado nas manifestações atuais, sofre algumas alterações que parecem reforçar o mesmo sentido de luta que foi enunciado na canção. Chama-nos atenção o emprego do verbo no imperativo afirmativo sem o uso da vírgula no cartaz A, o que parece reforçar a ideia de que o distanciamento entre um discurso e outro é diferente nos dois momentos, isto é, na canção, o uso da vírgula evidencia uma pausa

que faz parecer uma distancia maior daquele que fala em relação ao seu interlocutor já no cartaz A, com a ausência dessa pontuação, a relação de distanciamento é minimizada e o ator social parece estar muito mais próximo daquele a quem se dirige.

Essas interpretações nos permitem evidenciar a função central dos modelos de contexto, que é produzir o discurso mais apropriado possível à situação de comunicação, de acordo com os modelos de eventos subjacentes aos usuários da língua. Nesse caso, poderíamos dizer que, no cartaz A, a proximidade do falante com o discurso está relacionada à ciência da “liberdade” de expressão. Logo, o mesmo não ocorre em relação ao ator social na canção, que se distancia do discurso, diante da possibilidade da censura. Assim, uma troca de entonação, de pontuação ou a seleção de uma palavra específica podem redefinir as relações sociais entre os participantes e interpretar-se como uma ação que “atualiza” os modelos de contexto e manifesta os objetivos dos participantes na interação (VAN DIJK, 2011).

Vale notar também o uso das reticências no cartaz A, que pode ser lido como uma interrupção do enunciado. Isso direciona nossa interpretação para uma hesitação que sugere, inclusive, estar relacionada com a retomada intertextual feita pelo enunciador da canção. Nesse caso, poderíamos destacar duas leituras interpretativas: a primeira apontaria diretamente para o leitor, no sentido de que ele infira o restante da canção de base, já que, em seguida, o ator social introduz um novo verso “composto” especialmente para o momento enunciativo dessa retomada: a manifestação; na segunda leitura, esse enunciador estaria propondo uma retomada crítica intertextual de provérbios como “quem espera sempre alcança”, criticando o fato de que, se quisermos alguma mudança, teremos que lutar por nossos direitos e não esperar acontecer. Nessa perspectiva interpretativa, o falante propõe que o leitor retome a letra da canção de Vandr e e o momento da ditadura e, ainda, compreenda o seu “chamado” em convid -lo para ir   luta. Esse ponto de vista fica mais evidente quando observamos, no terceiro e no quarto versos do cartaz A, a subvers o da linguagem proverbial pela afirma o, com elimina o da nega o e o uso do ponto de exclama o: “quem sabe vai   rua e faz acontecer!”.

Al m disso, h  um jogo sem ntico na escolha dos itens lexicais nesse cartaz A que parece abonar nossa leitura de uma maior proximidade do ator social com o seu interlocutor. Referimo-nos   troca dos sintagmas "faz a hora" por "vai   rua": na can o, esse sintagma possui sentido temporal e se refere a um momento ainda distante, apontando mais para um desejo de mudan a daqueles que conhecem o sofrimento do per odo da ditadura e t m consci ncia de que   hora de mudar; no cartaz A, o sintagma tem sentido locativo e parece

refletir o momento imediato da enunciação, que aproxima ainda mais o falante de seu interlocutor, já que milhares de pessoas estão ali, próximas a ele, porque estão cientes da necessidade de protestar contra as atitudes do governo, além, é claro, da força desse "fazer acontecer", seguido do ponto de exclamação, avigorando a força das manifestações naquele momento. Assim, a subversão proverbial assume uma função crítica porque aposta no agir e não no esperar.

Novamente, destacamos a influência dos modelos de contexto sobre o discurso que provoca variação de propriedades discursivas como seleção do léxico e entonação. No trecho do cartaz A “quem sabe vai à rua e faz acontecer!” é realizada a alteração dos versos da canção base “Quem sabe faz a hora /Não espera acontecer” e, ainda, há a inserção do ponto de exclamação.

No cartaz B, observamos a retomada do convite de luta feito na canção original e a citação apenas dos dois primeiros versos do refrão da canção de Vandré. Nessa retomada, temos a elipse do conectivo explicativo “que”, eliminando a possibilidade de explicação para o chamamento feito pelo ator social. De forma mais direta, o cartaz B apresenta o primeiro verso da canção da mesma forma feita no cartaz A, ou seja, o verbo no imperativo afirmativo não é seguido por vírgula, estratégia que parece confirmar a leitura feita acima acerca de uma maior proximidade do enunciador com o seu interlocutor.

Ainda no cartaz B, há uma relação de retomada intertextual com o texto base, mas há também um apagamento próprio da enunciação proverbial, que é o uso do "que" e do efeito quase poético do provérbio. Assim, o discurso do cartaz B assume uma voz mais direta e chama atenção do interlocutor para o sentido dos verbos "esperar" e "saber", que não significam a mesma coisa: esperar não é saber. Essa construção confere um destaque maior para o verbo "saber", que, nesse cartaz, aparece destacado na cor vermelha. Nesse sentido, o efeito direto e afirmativo desses versos soa como cobrança e faz com que o outro reflita sobre o seu lugar como cidadão, que está sendo convocado para deixar de ser passivo diante da situação comunicativa atual. Além disso, é possível pensar, também, que essa fala mais direta e incisiva é de um ator social consciente de que não vivemos na época da ditadura, mas em um país onde temos acesso às informações sobre as ações de nossos governos, às decisões políticas, aos escândalos de corrupção, etc.

A partir da análise dos dois cartazes, podemos observar que, embora os dois atores sociais tenham se referido à canção de Vandré, tomado como referência o período histórico da Ditadura e estarem presentes nas manifestações, a adaptação das estruturas discursivas em

cada uso foi diferente. Essa estratégia pode ser explicada pelo fato de que os indivíduos, ao enunciarem, acionam os modelos de contexto para fazerem a opção pelas palavras que expressam, da maneira mais exata possível, a informação específica que está presente nos modelos de eventos. Nessa perspectiva, as experiências, o conhecimento e as crenças podem ser aplicados na produção contínua de diversos discursos contextualmente variáveis.

Logo, partindo do conceito de que os modelos de contexto são constructos subjetivos de cada participante, entendemos o fato de os discursos terem sido diferentes. Isso corrobora a defesa de que não é simplesmente a situação social comunicativa que influencia na construção das estruturas discursivas, mas a representação mental de cada participante. Caso isso fosse contrário, os discursos dos cartazes teriam sido iguais, já que ambos os participantes estavam inseridos na mesma situação comunicativa e teriam acionado de forma idêntica o mesmo momento histórico no qual a música foi produzida.

Considerações finais

De acordo com as análises realizadas, vimos que a teoria do contexto ajuda a entender como as estruturas sociocognitivas de uma situação de comunicação se relacionam com as estruturas do discurso desse evento. Isso implica compreender vários aspectos do discurso, como processos de produção de estruturas discursivas variáveis dadas em uma mesma situação de comunicação e a complexidade dos conflitos existentes nas interações verbais. Entender essa relação estabelecida entre textos e contextos distintos faz-nos perceber que a eficácia dos discursos dos cartazes das manifestações em 2013 está na força de evocação de discursos pertencentes a outros contextos e não na relação entre quantidade de informação.

Assim, analisar os discursos presentes nas manifestações a partir de uma teoria sociocognitivista permite visualizá-los como uma prática social que não tem uma relação direta com a sociedade, mas é mediada pela cognição de indivíduos, que são atores sociais engajados e que atuam na construção contínua de uma sociedade melhor.

Nessa perspectiva, os estudos sobre o discurso em geral nos ajudam a compreender a concretização dos conflitos sociais, dos abusos de poder e das discriminações, que se materializam no e pelo discurso. Já a abordagem sociocognitiva permite entender, de maneira específica, como os modelos de contexto atuam na produção de efeitos de sentido entre os participantes em diferentes momentos históricos e, ainda, qual o objetivo da prática social para cada um.

É importante lembrar que as manifestações em 2013 provocaram mudanças imediatas, como a diminuição do valor das passagens do transporte público e, também, um pronunciamento feito pela presidente Dilma, em rede nacional, que apresentava algumas propostas de melhorias em relação aos problemas reivindicados pela população, como a mobilidade urbana, educação e saúde. Isso evidencia a necessidade e a importância de se “ouvir” e compreender os discursos que “surgiram” nas ruas, pois se trata de compreender o próprio ser humano e a sua relação com a sociedade e o outro.

Referências

CARVALHO, M. C. *Participação social no Brasil hoje*. São Paulo: Instituto Pólis, 1995.

CONTIER, A. D. Edu Lobo e Carlos Lyra: O nacional e o popular na canção de protesto (os anos 60). *Revista Brasileira de História*, v. 18, n. 35, p. 13-52, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000100002>. Acesso em 10 mar. 2013.

FALCONE, K. *(Des)legitimação: ações discursivo-cognitivas para o processo de categorização social*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

JOHNSON, L. P. N. *Mental models*. Towards a cognitive science of language, inference and consciousness. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

MURANO, E. A linguagem dos protestos. *Revista Língua Uol*. Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos/94/a-linguagem-dos-protestos-293651-1.asp>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

SOUZA, S. Placas dos participantes do quinto ato de segunda-feira pelo aumento das passagens em São Paulo mostram diversidade do protesto. *Site IG*. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/2013-06-18/o-que-os-manifestantes-querem-leia-os-cartazes.html>> . Acesso em 10 fev. 2014.

SPERBER, D. WILSON, D. *Relevance: communication and cognition*. Cambridge, MA: Brackwell Publishers, 1995.

VAN DIJK, T A; KINTSCH, W. *Strategies of discourse comprehension*. London: Academic Press, 1983.

VAN DIJK, T. A. Algunos principios de una teoría del contexto. In: *ALED*, Revista latinoamericana de estudios del discurso, 2001, p. 69-81.

_____. *Discurso e poder*. Trad. Judith Hoffnagel e Karina Falcone (Org.). 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *Sociedad y discurso: cómo influyen los contextos sociales sobre el texto y la conversación*. Trad. Elsa Ghio. Barcelona: Gedisa, 2011.

_____. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

VANDRE, G. *Pra não dizer que não falei das flores*. Disponível em: <<http://letras.mus.br/geraldo-vandre/46168/>>. Acesso em 10 fev. 2013.